

INFÂNCIAS NEGRAS E RESISTÊNCIA NO CIBERESPAÇO

Lucimar Rosa Dias
Cíntia Cardoso
Ândrea Barbosa

Universidade Federal do Paraná
Rede Municipal de Educação de Florianópolis – SC

Resumo: Este artigo problematiza um fenômeno que estamos identificando e intitulamos de resistências negras infantis, ela trata de crianças entre 04 a 13 anos cujas falas circularam em redes sociais e trouxeram em seu bojo lógicas que questionam a subalternização atribuída a população negra no Brasil. Foram encontradas 6 crianças e este artigo apresentará duas. Acreditamos que a tecnologia tem sido utilizada pelos ativistas negros e negras possibilitando ações de valorização da identidade negra e tal fato conta também com atores sociais ainda na infância. Para coleta do material utilizamos os princípios da etnografia virtual conforme nos apresentam Gebera (2008). Nossas análises para compreender as vozes dessas crianças tomou o conceito de Resistência desenvolvido por Giroux (1986) e as ideias de Hall (1997,2016) sobre Representações, consoante com a perspectiva da Sociologia da Infância, bem como, nos amparamos em autores do campo dos estudos das relações étnico-raciais e infância. O que encontramos nos aponta que as crianças negras estão envolvidas nas lutas empreendidas pelos Movimentos Negros e ocupam um espaço protagonista ecoando suas vozes poderosas a partir das novas mídias e contribuem no combate ao racismo sustentando o orgulho do seu pertencimento étnico-racial e cultural.

Palavras-chave: Infância Negra; Identidade Negra; Ciberespaço; Resistência

Introdução

Este artigo problematiza um fenômeno que intitulamos de resistências negras infantis teve por objetivo identificar e existência de crianças negras que estão produzindo uma narrativa de valorização de seu pertencimento racial e, portanto, são protagonistas da luta antirracista. Para isso trabalhamos na perspectiva da etnografia virtual conforme nos apresentam Gebera (2008). Realizamos uma busca em redes sociais, especialmente *you tube* e *facebook* com as palavras-chaves: criança negra e infância negra, no período de 2014 a 2105. Nesse sentido descartamos todas as outras referências encontradas com os descritores e nos concentramos em encontrar crianças negras falando sobre racismo, claro que a partir das lógicas infantis. Neste processo foram identificadas seis crianças com idade entre 04 e 13 anos cuja atitude de valorização de elementos da cultura negra teve repercussão em âmbito nacional por meio de redes sociais. Destas, duas serão apresentadas neste artigo.

Nos propusemos a investigar este universo porque embora cresça a perspectiva de que as crianças são atores sociais e produzem culturas infantis há poucas pesquisas que articulem esta concepção ao campo dos estudos das relações étnico-raciais. Portanto, partimos da

hipótese de que a criança negra também protagoniza a luta por igualdade racial. Nossa compreensão de protagonismo toma como referência o que Gaitan, nos apresenta, segundo ele o protagonismo infantil é

[...] o processo social pelo qual pretende-se que meninos e meninas desempenhem o papel principal no seu próprio desenvolvimento e no da sua comunidade, para alcançar a plena realização dos seus direitos de acordo com suas necessidades. É concretizar a visão de criança como sujeito social de direitos e, portanto, deve-se redefinir os papéis dos vários componentes da sociedade: autoridades, familiares, setores não organizados, sociedade civil, organizações, etc. (1998, p.85 tradução livre das autoras)¹

Liebel (2000) reitera que o protagonismo infantil é um processo e teve seu início entre as crianças trabalhadoras da América Latina, portanto, ao tratarmos do protagonismo da criança negra na luta antirracista, estamos considerando que estas são capazes de perceber o racismo e criam mecanismos de resistir a ele e quando se juntam aos adultos em distintas manifestações não estão simplesmente sendo levadas, mas sabem e atuam na constituição de uma sociedade igualitária racialmente. Sendo assim, nos colocamos a tarefa de identificar essas vozes infantis da luta antirracista. Para apresentarmos a pesquisa dividimos este artigo em três partes, na primeira traremos uma parte históricas sobre o legado excludente que atravessa a infância de crianças negras e as lutas dos movimentos negros no enfrentamento à exclusão social da população negra. Na segunda parte será exposta a metodologia utilizada e na última falamos as crianças.

As crianças negras ainda estão expostas a ações cotidianas de discriminação e racismo, seja na educação com a materialização de pedagogias racistas presentes nas instituições de educação denunciadas pelos movimentos negros e pelas pesquisas das últimas décadas, seja pela subalternização dos fenótipos negros tais como: cor da pele, cabelos crespos e ainda pelos seus modos de ser e agir, especialmente, aqueles vinculados a religiosidade de matriz africana. Todo esse conjunto de cultura negra são tratados inferiorizado e expropriam as crianças de sua pertença étnico-racial.

De acordo com dados divulgados pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) “Vinte e seis milhões de crianças e adolescentes brasileiros vivem em famílias pobres. Representam 45,6% do total de crianças e adolescentes do País. Desses, 17 milhões são negros. Entre as crianças brancas, a pobreza atinge 32,9%; entre as crianças negras, 56%.

¹ Texto original: “Protagonismo Infantil es el proceso social mediante el cual se pretende que Niñas, Niños y Adolescentes desempeñen el papel principal en su propio desarrollo y el de su comunidad, para alcanzar la realización plena de sus derechos atendiendo a su interés superior. Es hacer práctica la visión de niñez como sujeto social de Derechos y por lo tanto se debe dar una redefinición de roles en los distintos componentes de la sociedad: autoridades, familia, sectores no organizados, sociedad civil, entidades, etc.” (GAIATAN, 1998, p.86)

A estatística ainda aponta que uma criança negra tem 70% mais risco de ser pobre do que uma criança branca”. Para Silva Jr. (2002), o racismo é uma rede complexa de ações pautadas na violência física ou simbólica ancorada na representação da população branca como a portadora de beleza, coragem, bondade, enfim de humanidade.

Isso acontecia não sem a intensa colaboração do Movimento Negro (MN) na problematização para que uma nova concepção na qual a infância passasse a ser vista como categoria social e a criança como um sujeito de direito fosse conquistada. Desse modo, a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente foi uma vitória dos movimentos sociais, dentre eles o MN. Com isso cresce os questionamentos sobre como as diferentes infâncias existentes na sociedade brasileira estão sendo consideradas nos mais diversos espaços e campos. Há a discussão sobre a criança indígena, a ribeirinha, a quilombola, a criança com deficiência, a criança surda, a urbana e a do campo, ou seja, cresce a discussão das múltiplas infâncias e como não poderia deixar de ser sobre o racismo que atinge as crianças negras pequenas, especialmente, no campo da pesquisa acadêmica em educação que passa a investigar a educação infantil e as relações étnico-raciais. Para Hall (1997) as representações são passíveis de mudanças, pois são

O resultado de um conjunto de convenções sociais. Ela é definida socialmente, fixadas na cultura. Os falantes de castelhano ou Inglês ou hindus deveriam, ao longo do tempo, sem decisões ou escolhas conscientes, chegar a um acordo não escrito, uma forma de acordo cultural [não escrito], segundo a qual, nas suas diversas línguas, certos sinais estão, ou representam certos conceitos. Isto é o que as crianças aprendem, e como eles se tornam, e não são simplesmente indivíduos biológicos, e sim sujeitos culturais. Aprendem o sistema e as convenções da representação, os códigos de sua língua e cultura, que os prepara com um “saber fazer” cultural que lhes permitem funcionar como sujeitos culturalmente competentes. Não que esse conhecimento esteja impresso em seus genes, mas porque eles aprendem as suas convenções e assim tornam-se gradualmente “pessoas da cultura”, isto é, membros de sua cultura. Eles internalizam inconscientemente códigos que lhes permitem expressar certos conceitos e ideias através dos sistemas de representação – a escrita, a fala, os gestos, visualização e outros – e interpretam as ideias que lhes são comunicadas usando os mesmos sistemas. (1997, p. 08 tradução livre das autoras)

Entre avanços e possibilidades, as crianças negras como sujeitos da história vêm rompendo com esse enquadramento racista, produzindo um discurso infantil de resistência e de orgulho do seu pertencimento, ou seja, em meio ao discurso hegemônico do racismo brasileiro, há fissuras que geram contradições nesta hegemonia e nesse sentido é para nós Resistência. Del Priori aponta que

Trabalho ao longo da infância, sem tempo para a ideia que comumente associamos à infância, a da brincadeira e do riso, era o lema perverso da

escravidão. Contudo, a mesma resistência que se lhe opunham os adultos foi transmitida à criança. Não foram poucas as que contrariaram a obrigação do eito e a exploração, pela fuga. (DEL PRIORI 2012, p.246)

O que as crianças negras fizeram no passado e estão fazendo no tempo presente é luta política e ato de resistência seguramente, pois de acordo com Giroux (1986) é possível capturar “comportamentos de resistência”, isto é, elas com suas atitudes provocam reflexões críticas e ação reflexiva e estão inseridas em lutas políticas coletivas que almejam redirecionar o poder e a determinação social. Hall a partir do conceito de representações nos instiga a buscar nas atitudes infantis um componente importante para compreender as possibilidades de mudança da condição desfavorável da criança negra em uma sociedade racista e escolhemos como campo de investigação dessas atitudes as redes sociais, pois para nós elas na contemporaneidade se configuram como transmissoras de novas representações sobre ser negro. Conforme Hall (1997), a cultura se dá a partir do compartilhamento de significados e a linguagem é o meio pelo qual “damos sentido” às coisas, e produzimos significados.

[...] a questão do significado surge em relação a todos os diferentes momentos ou práticas de nosso “circuito da cultura” — na construção da identidade e na delimitação da diferença, na produção e consumo, bem como na regulação das condutas sociais. Todavia, em todas estas instâncias e em todas estas localizações institucionais, a linguagem é um dos “meios” privilegiados através dos quais é produzido e circula o significado. (HALL 1997. p. 03).

O surgimento de uma imprensa negra demarca um fator de importância crucial na luta ideológica antirracista, não somente como veículo de denúncia, mas que serviram de veiculação organizacional dos negros. Embora estejamos falando de um marco do século passado, o racismo alojado de forma estrutural segue latente na sociedade, o espaço da mídia continua a refletir e reproduzir a lógica racista, quando a exaltação de um corpo branco e magro é tido como modelo universal de humanidade, significado de beleza, inteligência, reforçando práticas presentes no imaginário social brasileiro.

No entanto, o espaço das mídias pode também servir para promover a visibilidade das lutas empreendidas pelas ativistas negras e negros na produção de representações positivas da identidade, cultura afro-brasileira e africana, nossa hipótese é de que as crianças negras tem sido um foco específico e talvez prioritário, considerando os aspectos positivos e as mudanças que neste sentido tem contribuído para que estas crianças negras atingidas diretamente pelo racismo construam além de mecanismo de defesa e resistência, referenciais positivos de negritude.

Partindo desta premissa de que mesmo vivendo sob os impactos do racismo estrutural da sociedade brasileira há crianças negras que tem produzido discursos e vem traçando estratégias de resistência desenvolvendo a capacidade de fugir das determinações racistas fomos ao encontro dessas crianças, sabíamos que elas existiam e queríamos conhecê-las.

“Criança Negra, cadê você? Eu vim aqui só pra te ver”²

A tecnologia como meio de conexão para comunicação em massa tem possibilitado um movimento de resistência contra as exclusões. Atividades de mobilizações através das redes sociais, como marchas, passeatas, vêm avivando uma susceptibilidade na consciência de indivíduos participantes ou não de movimentos organizados. Nossa percepção é que as novas mídias têm sido férteis para a constituição destas resistências e a construção de novas representações para toda a população negra. Ademais, com o advento da tecnologia TIC's (Tecnologia de Informação e Comunicação) e a cibercultura tem origem o conceito de ciberativismo: um formato de ativismo realizado através das tecnologias, principalmente através da *internet*. Este conceito nos chamou a atenção porque a ideia inicial da pesquisa surge justamente do fato de percebermos o crescente número de páginas no *facebook* que se destinavam a valorização da estética negra e traziam crianças para representar esta concepção. Depois de ter recebido por meio destas redes o vídeo em que Gustavo (uma das crianças encontradas na pesquisa) falava da importância de ler literatura de temática afro-brasileira. E este contato se deu por meio das redes sociais. Para amparo teórico-metodológico nos inspiramos em parte nos princípios da netnografia conforme nos apresentam Gebera (2008, p.09), para o autor

A netnografia é um método novo de pesquisa dos espaços virtuais que está em processo de expansão e formulação teórica e metodológica. A netnografia é uma instância da aplicação de estudos de etnografia em estudos de vivências na Internet. Como técnica de investigação, a netnografia incorpora uma possibilidade real para abordar o que está acontecendo em comunidades virtuais. A netnografia como um método de investigação, poderia incidir, além do marketing, também a aplicação em processos formativos ou em outros campos onde se busque as necessidades e interesses de internautas. (GEBERA, 2008, p.09 tradução livre das autoras).

Seguindo alguns dos princípios da netnografia a primeira parte da pesquisa buscou identificar em *blogs*, *sites*, revistas digitais e páginas em redes sociais como a identidade da criança negra estava sendo positivada. Para o levantamento desses os descritores escolhidos para busca foram: “negros”, “o negro”, “negritude”, “afrodescentes”, “africanismos” e “afro-

² Esta frase toma como base “um grito” usado comumente em movimentos sociais das mais diversas lutas. Por exemplo os ativistas pró-Lula em frente a sede da Polícia Federal em Curitiba gritam o tempo todo “Lula, cadê você eu vim aqui só pra te ver”.

brasileiros”. Inicialmente a busca foi realizada no *Facebook*, rede social escolhida pelo amplo e diversificado perfil de seus usuários, e posteriormente através de busca do *Google*, selecionamos com essa segunda ferramenta as páginas com maior popularidade, através do critério de número de acessos à página. Nessa pesquisa foram levantados mais de uma centena de páginas no *Facebook* e milhares no *Google*. Desse montante foram selecionadas as páginas com maior visibilidade (*likes* e acessos), preferencialmente páginas brasileiras (apenas 4 páginas estrangeiras foram inclusas na pesquisa por possuírem grande popularidade no Brasil). Sendo que destas foram selecionados: 6 *blogs*, 4 *sites* e 28 páginas do *Facebook* para análise de imagens, conceitos e conteúdos nelas divulgados. Neste artigo trataremos apenas das narrativas infantis, que se constituiu numa segunda etapa da pesquisa e não de toda a pesquisa realizada. O que encontramos nos aponta que a expressão das lutas empreendidas pelo MN tem também ocupado o espaço alternativo da comunicação virtual, por meio do ciberativismo, isto é, um novo ativismo que tem levado a constituição de uma Ciberultura, definido por LEVY (1999),

[..] o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço” (1999, p.17) e para melhor compreensão também consideramos profícuo trazer o conceito de Ciberespaço. Para o autor o ciberespaço [é um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material de comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (1999, p.17).

A partir do ciberativismo esses movimentos se materializam fora do espaço virtual, um bom exemplo disso são os chamados “encontros das crespas e cacheadas” que já ocorrem nas mais diferentes regiões brasileiras, marchas, passeatas, dentre outras formas de manifestação político-estéticas e artísticas são convocadas por estes meios e vem avivando outra forma de organização de movimentos de resistência negra.

As páginas identificadas em nossa pesquisa operavam, sobretudo no sentido de desvincular a imagem do negro/a dos estereótipos de inferiorizado, quase a totalidade das publicações exaltavam a beleza negra, valorizando a estrutura corporal, a cor da pele e principalmente os cabelos crespos. As imagens escolhidas para essas publicações retratam o “negro lindo”, o “negro forte” e o “negro sensual”. Numa evidente alusão ao movimento cultural “*Black is Beautiful*” que começou nos Estados Unidos da América na década de 1960 conduzida pelos afro-americanos e influenciados pela produção teórica de Steve Biko, um dos ícones do Movimento de Consciência Negra da África do Sul. O espaço virtual tem permitido

criar linguagens sobre uma velha questão: o combate ao racismo. O meio tem sido, sobretudo, um discurso de valorização do corpo e da cultura negra. Também foi perceptível que a criança negra tem sido um dos públicos centrais desse discurso.

Várias páginas distribuem imagens de crianças negras empoderadas, com seus cabelos crespos, turbantes e outras formas estéticas demonstrando o orgulho do pertencimento étnico-racial. Muitas páginas já colocam no título a centralidade da criança. Como exemplo temos: Crianças Negras são Lindas com 60.756 curtidas, Crianças Negras com 117 mil curtidas, dentre várias outras. Ao nos darmos conta desses fenômenos e sabedoras de que as páginas não podiam ser criadas por crianças nos perguntamos se haveria desse modo uma voz protagonista das crianças negras nesses processos e então passamos a buscar publicações em que as próprias crianças atuassem.

Nessa procura foram identificadas seis crianças entre 05 e 13 anos³. Aqui traremos com mais detalhes sobre **Gustavo Gomes Silva dos Santos**, a época com 10 anos, **MC Soffia** com 12 anos. Além destas foram identificadas: Elis MC (Elis Catanhede) com 5 anos, Cleidison de Sena Coutinho, 10 anos, estudava em escola pública em Nova Iguaçu. Ele coloriu os desenhos em sua os desenhos da Tuma da Mônica em prova, todos de marrom e quando o desenho “viralizou”⁴, e até Maurício de Souza comentou a atitude da criança elogiando-a. Outro personagem é Pedro Henrique Côrtes, mais conhecido como Ph Côrtes, tem 13 anos e é *vlogger*, isto é, faz vídeos periodicamente, no caso dele sobre diferentes temas, mas tem se especializado em biografias de personalidades negras brasileiras. Carolina Monteiro, tem 8 anos quando seu depoimento viralizou e ela hoje tem uma página no *facebook* e o principal tema do seus video e postagens está relacionada a discussão das relações raciais.

A Primeira narrativa é de Gustavo - a literatura que explode o racismo. O menino Gustavo Gomes Silva dos Santos, em 2014 tinha 10 anos e era aluno do Centro de Educação Unificado Vila Curuçá, na zona leste de São Paulo. Ele ficou conhecido após uma reportagem da TVT (TV dos Trabalhadores do ABC Paulista) que foi divulgada em novembro de 2014 no *you tube* e atualmente tem 445.404 visualizações.

A matéria buscou ouvir a opinião das crianças que participaram da atividade “Seminário Leituraço”. Esta ação é desenvolvida pela Secretaria Municipal de Educação de

³ A idade das crianças corresponde ao momento em que aparecerem nas mídias.

⁴ Viral é um termo que surgiu junto com o crescimento do número de usuários de blogs e redes sociais na internet. A palavra é utilizada para designar os conteúdos que acabam sendo divulgados por muitas pessoas e ganham repercussão (muitas vezes inesperada) na web. Por Edgard Matsuki Fonte:Portal EBC. Disponível em < <http://www.ebc.com.br/tecnologia/2012/11/o-que-e-viral>>. Acesso em 09 de Set. 2016

São Paulo, por meio da Coordenadoria Pedagógica - COPED, Núcleos de Educação Étnicoracial e Sala e Espaço de Leitura, em parceria com a Coordenadoria dos Centro de Educação Unificados e Educação Integral. O seminário tem o objetivo de contribuir para o processo de implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornam obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena. Segundo informações retiradas da página da secretaria “O projeto ‘Leituraço!’ propõe que a escolha de textos para serem lidos durante as atividades alinhe-se a uma perspectiva estética e temática de valorização da cultura e história das populações afro-brasileira, indígena e imigrante contribuindo, assim, para a desconstrução dos estereótipos que povoam o imaginário sobre estas populações e fortalecendo as identidades de estudantes e educadores.”

O mesmo teve início em 2014 e já está na sua terceira versão. Após a divulgação da primeira reportagem no *you tube*, Gustavo foi convidado por outras redes de TV para ser entrevistado e a mesma TVT fez uma matéria com ele e sua mãe. Sua entrevista circulou na rede social *facebook* e tornou-se um ícone de militância contra o preconceito racial. Ele conseguiu ocupar um espaço que muitos adultos ativistas não conseguem. Sua fala articulada, propositiva e ao mesmo tempo amável e segura. Fala com muita propriedade e certamente conseguiu atingir muitas crianças que possivelmente a forma autocêntrica de militância não poderia jamais fazê-lo. Evidentemente, não menosprezamos os modos adultos de luta contra o racismo, mas é profícuo observar como as crianças negras estão dizendo dos seus lugares o que é o racismo e como combatê-lo, isto é, adultos também podem aprender com crianças sobre esse tema. Para Gustavo

[...] o racismo tem de ser combatido sempre, é uma atitude estúpida do ser humano. É como tivesse decidido para de evoluir, porque foi descobrindo várias coisas. Descobriu tecnologias, descobriu como se faz um avião, como se faz uma televisão, como se faz praticamente tudo. Como se cura doenças e ainda não consegue entender que as pessoas são iguais por dentro, então, não tem porque discriminar. (ENTREVISTA TVT, 03 NOV. 2015)

Gustavo tem plena ciência do seu papel no mundo como menino negro e não ignora a dor do racismo. Diz ele

Eu era um garotinho, baixinho, negro e com o cabelo duro. Então eu era muito zoadado. As pessoas falavam muito mal, as pessoas ficavam xingando. Eu lembro que tinham umas meninas elas me chamavam de negrinho do pastoreio, de Saci e eu ficava muito abalado, eu ficava muito triste, eu chegava em casa chorando (ENTREVISTA TVT, 03 NOV. 2015)

A consciência que Gustavo apresenta sobre seu pertencimento étnico-racial corrobora as muitas defesas que ativistas e pesquisadores/as adultos/as tem feito de uma escola que possa rediscutir as relações considerando a dimensão étnico-racial. Pois, Gustavo na escola deveria ter sido protegido pela Instituição. As meninas que o discriminavam deveriam ser confrontadas com novas lógicas para repensarem suas atitudes, porém pelo que ele relata e ao nada disso aconteceu. O sofrimento racial tem de ser resolvido por conta própria e fora da escola. Neste caso, Cícera Gomes, sua mãe deu-lhe instrumento socioemocional necessário para enfrentar esta dura realidade. Em entrevista que ela aparece fica evidenciado o suporte emocional que ela representa, mas também se explicita o caminho protagonista de Gustavo na construção de suas opiniões e de sua autonomia intelectual, do seu lugar no mundo como menino negro. Segundo ele

Ninguém vive sozinho, ninguém vive isolado, ninguém pode viver isolado, todo mundo tem que estar em um conjunto, numa equipe bem grande para gente poder combater o preconceito, combater a fome, combater praticamente tudo...porque tudo nesse mundo cria debate, vai ter sim sempre alguém que vai ser racista, que vai ter uma opinião diferente, vai sempre ter sempre alguém. Por isso, que eu gosto de aprender alguma coisa para poder, não para você debater com a pessoa, mas para você mostrar para ela como é que você ser negro, mudar o ponto de vista da pessoa para como você se vê. [...] Por isso nunca é bom ser arrogante com a pessoa, nunca é bom você tentar debater com a pessoa para deixar ela no chão, você tem fazer a pessoa ver o seu ponto de vista. (ENTREVISTA TVT, 12 NOV. 2014)

Porém, mesmo afirmando a solidão com a qual Gustavo teve de enfrentar situações de racismo quase sempre desconsideradas como tal pelos/as professores/ras não podemos deixar de reconhecer o fato de que é no encontro com a literatura que valoriza a cultura afro-brasileira e africana que Gustavo encontra respaldo no ambiente escolar para responder a dor de ser discriminado e nesse sentido ele opera de forma muito positiva na sua luta contra o preconceito, sem deixar de ser crítico, sem deixar de marcar uma posição explicitamente política. Para Araújo e Silva (2012, p. 195,196), o que se espera dos sistemas educacionais é que

Do ponto de vista de políticas educacionais, a pretensão é a mudança de foco da ótica eurocêntrica para a ótica plural, das mil e uma histórias do oriente, das fábulas incontáveis do país dos sábios (Etiópia), das maravilhosas fábulas!Khun, das artes bantos de contar e embalar mentes e corações, dos instigantes mitos iorubas! Descolonizar os currículos, descolonizando os escritos e a nós mesmos. Nas palavras da nossa sábia, Toni Morrison, a busca é por quando a literatura ‘explode ou prejudica o racismo’. Essa também se tornou nossa busca: quando olhamos para a produção recente de livros de literatura infantil que quer dizer sobre nós, negras/os da diáspora para as crianças, em prol da igualdade étnicoracial, buscamos as explosões e os prejuízos, ao mesmo tempo em que recolhemos e reconhecemos a fabricação e as permanências.

Gustavo implode o discurso racista e de receptor torna-se autor e para além das vozes das quais se apropria nos coloca a sua própria para ser ouvida/lida. Por isso, finalizamos a narrativa sobre ele com ele. Consciência [...] Cultura africana não é só capoeira/Existem, tradições, comidas e frutas/Vindas das terras africanas/Vatapá, bobó, acarajé [...]. Trecho de uma de suas poesias, publicada no seu livro “Meu universo”. Também na trilha de autoria, a pequena Soffia – MC Soffia – melhor dizendo encontra na música sua forma de protesto e de construção de uma nova lógica na qual ela com sua voz infantil refaz o lugar de menina negra na sociedade brasileira.

A segunda narrativa é sobre, MC Soffia ela é a força negra do hip hop da infância (e hoje juventude) começou a cantar aos 6 anos, mas sua visibilidade nacional é dos últimos dois anos (2014 e 2015) e teve, talvez, um ápice em 2016 quando participa da abertura das Olimpíadas cantando para o mundo com a já famosa Karol Conka. Ela é neta de uma ativista negra e sua mãe sempre cuidou para que valorizasse o pertencimento étnico-racial. Mesmo assim, Soffia não passou ilesa pelo racismo brasileiro e um dia desejou ser branca e ter cabelos lisos. Segundo ela em entrevista para a TMP “Fiquei muito triste e, de tanto me zurem, falei pra minha mãe que queria ser branca” (TMP, 2015).

Segundo sua mãe para que ela pudesse conviver e ver pessoas negras empoderadas, especialmente, mulheres a levava em festivais de Hip Hop. Deu certo, ainda que não sem dor. Hoje Soffia é MC Soffia. Uma cantora de Hip Hop, com apenas 12 anos, cujas as letras das músicas têm um recado explícito de ressignificação do lugar desprestigiado da menina negra. É da voz de Soffia que saem letras como “Menina Pretinha”

Menina pretinha, exótica não é linda Você não é bonitinha Você é uma rainha Devolva minhas bonecas Quero brincar com elas Minhas bonecas pretas, o que fizeram com elas? Vou me divertir enquanto sou pequena Barbie é legal, mas eu prefiro a Makena africana Como história de griô, sou negra e tenho orgulho da minha cor Africana, como história de griô, sou negra e tenho orgulho da minha cor O meu cabelo é chapado, sem precisar de chapinha Canto rap por amor, essa é minha linha Sou criança, sou negra Também sou resistência Racismo aqui não, se não gostou, paciência...

Soffia é uma ativista que escolheu a música como instrumento para combater o racismo e tem plena consciência disso, não o faz de forma aleatória é uma ação política. Sonha em “[...] ser uma dessas rainhas que ajudou os negros. Quero um show com todo mundo balançando o black comigo. Às vezes as crianças xingam as outras e a professora só

diz pra pedir desculpas. Devia parar a aula e começar a explicar tudo, toda a história dos negros" (ENTREVISA NA TMP - CAMILA EIROA 24.08.2015).

Sua crítica ao modo como a escola se comporta diante das situações de discriminações sofrida pelas crianças negras está em consonância com o que as pesquisas vêm apontando. Por isso ela diz que está cantando para passar uma mensagem e não apenas para ser famosa e ganhar dinheiro. E claro é uma criança que sabedora que pode, sonha com mil e uma possibilidades para o seu futuro, vivendo intensamente o presente. Sua música mais recente fala de uma Rapunzel de *dread*. Ela diz “Essa Rapunzel é africana da Etiópia e não precisa do príncipe para se salvar, é empoderada e não tem inimigas” (BRASIL DE FATO, 2016). A narrativa de Soffia, é totalmente sintonizada com os argumentos do Movimento Negro, brasileiro. Soffia tem repertório de militância, sua mãe e sua avó não apenas são negras, mas são ativistas, instigam-na a construir seu discurso contra a opressão do racismo e do machismo.

Ela apresenta um discurso distinto de Gustavo. Ele comenta que “todos são iguais por dentro”. Ela denuncia a desigualdade e convoca a uma união entre negros e negras. Ao comparar os discursos de nenhum modo queremos diminuir a importância de Gustavo e sua forma de atuar contra o racismo, pelo contrário, ao relacioná-los queremos mostrar que as crianças estão construindo seus ativismos a partir de diferentes lugares sociais e todos tem sua importância. Ambos constituem novos discursos do lugar social da criança negra.

Mães levam seus filhos e filhas para vê-las em seus *shows* e ela sabe que esta se tornando referência positiva para meninas negras como ela. No dia 25 de julho, dia luta da mulher negra latina e caribenha ela foi personagem entrevistada da revista online Brasil de Fato e diz “Mais crianças deveriam saber sobre esse dia, as escolas tinham que falar mais, porque é importante não só para as mulheres, mas para as meninas negras também”. (BRASIL DE FATO, 2016). Soffia questiona o tempo todo o lugar da escola e sua tarefa de educar todas as crianças para que elas possam ter um referencial de negritude distinto do que comumente se tem.

Considerações finais

Nossa conclusão ao nos debruçarmos no que dizem essas crianças é que a luta do Movimento Negro e os espaços educacionais emancipatórios colaboram para a formação de uma nova geração para a qual a identidade negra é valorizada mesmo em contexto racista. Essa luta como sempre com a voz poderosa da infância que ecoa a partir das novas mídias e na visibilidade que se tem dado as múltiplas infâncias. A infância negra resiste ao racismo sustentando o orgulho do seu pertencimento étnico-racial e cultural. Sendo assim, as crianças

a partir de diferentes linguagens e estratégias: a leitura, a dança, a música, o orgulho de ser o que se é e como se é se constituem como atores sociais ativos na luta antirracista no Brasil. Na interpretação dos diálogos vamos percebendo o quanto as representações a partir da cultura são eficazes na construção positiva da identidade.

O orgulho da pertença étnico-racial vai fortalecendo a identidade de crianças negras que vem desafiando o racismo brasileiro. Embora os espaços educativos ainda caminhem na contramão das normativas para a promoção da igualdade racial, as crianças negras vêm demonstrando que outros espaços estão contribuindo para fortalecimento de sua ancestralidade sendo aporte para construção de narrativas de resistência e enfrentamento do racismo institucional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

DEL PRIORI, M. A criança negra no Brasil. In JACÓ-VILELA, AM, and SATO, L., orgs. *Diálogos em psicologia social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 232- 253. ISBN: 978-85-7982-060-1. Available from SciELO Books.

GAITÁN, A. (1998). **“Protagonismo Infantil”**. Seminario La Participación de Niños y Adolescentes en el Contexto de la Convención sobre los Derechos del Niño: Visiones y Perspectivas. Bogotá: 85-104.

GEBERA, Osbaldo Washington Turpo. **La netnografía: un método de investigación en Internet**. Revista Iberoamericana de Educación, n.º 47/2 – 10 de octubre de 2008.

GIROUX, H. **Teoria crítica e resistência em Educação: para além das teorias de reprodução**. Trad. Ângela Maria B. Biaggio. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira, Rio de Janeiro: Editora Apicuri, 2016.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa, São Paulo: Editora 34, 1999.

MANFRED, Liebel. **La outra infância**. Niñez Trabajadora y Acción Social. Lima: Ed. Ifejant, 2000.

MARCÍLIO, Maria Luíza. **A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil, 1726-1950**. In: FREITAS, Marcos Cezar de. *História social da infância no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **História social da criança abandonada**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SILVA JR., Hédio. **Direito de Igualdade Racial: aspectos constitucionais, civis e penais: doutrina e jurisprudência**. São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 2002.

UNICEF. **O impacto do racismo na infância**. Campanha por uma infância sem racismo. Folder. Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Brasília, 2010.

